

# Leitura e tradução da obra da poeta indígena canadense Joséphine Bacon

---

## Reading and translating the works of Joséphine Bacon, indigenous Canadian poet

Bartira Zanotelli Dias da Silva\*  
Raimundo Nonato Barbosa de Carvalho\*\*

283

**RESUMO:** Joséphine Bacon é uma voz marcante da poesia indígena canadense francófona contemporânea. O seu último livro recebeu dois importantes prêmios literários em 2019. Além disso, a sua trajetória de vida foi recentemente retratada em filme documentário premiado em festivais internacionais. A autora foi separada de sua família na infância teve uma vida dividida entre a cidade de Montréal e as reservas indígenas, entre falar francês e se reapropriar de sua língua materna. Bacon descobre sua voz na poesia, e afirma sua vontade de ser poeta da tradição oral, como os Anciões (com A maiúsculo), “raça” da qual, agora, ela faz parte (BACON, 2018). Nosso objetivo é apresentar uma reflexão sobre a importância de ler e traduzir a poesia de Bacon para a divulgação e sensibilização da história dos povos indígenas americanos, e para a valorização das vozes femininas na poesia indígena contemporânea.

**PALAVRAS-CHAVE:** Joséphine Bacon; Literatura indígena; Literatura francófona; Poesia contemporânea.

**ABSTRACT:** Joséphine Bacon is a leading voice in contemporary French-speaking Canadian Indigenous poetry. Her last book received two important literary awards in 2019. In addition, her life trajectory was recently portrayed in a documentary film awarded at international festivals. The author was separated from her family in childhood and had a life divided between the city of Montreal and the indigenous reservations, between speaking French and re-

---

\* Professora de língua francesa, tradutora e escritora. Licenciada em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (2007), mestre em Tradução Técnica e Científica pela Université de Haute Alsace, França (2010) e mestre em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (2022).

\*\* Professor do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Letras Clássicas, atuando principalmente no ensino de Latim e na tradução poética de poesia latina clássica.

appropriating her mother tongue. Bacon discovers her voice in poetry, and affirms her desire to be a poet of the oral tradition, like the Elders (with a capital E), “race” of which she is now a part (BACON, 2018). Our objective is to present a reflection on the importance of reading and translating Bacon's poetry for the dissemination and awareness of the history of American indigenous people, and for the appreciation of female voices in contemporary indigenous poetry.

KEYWORDS: Joséphine Bacon; Indigenous literature; Literature in French; Contemporary poetry.

### Introdução: a vida e a obra da poeta Joséphine Bacon

Joséphine Bacon é uma autora indígena (de etnia innu), nascida em 1947, em Pessamit, província do Quebec, no Canadá. Em seus três livros de poemas (*Bâtons à message*, de 2008, *Un thé dans la Toundra*, de 2013, e *Uiesh- Quelque part*, de 2018) a autora nos apresenta textos que refletem a tradição oral de seu povo, fazendo várias referências aos saberes tradicionais dos anciões, ao nomadismo e à natureza. No prólogo de sua última obra, Bacon afirma sua vontade de ser poeta da tradição oral, como os Anciões (com A maiúsculo), “raça” da qual, agora, ela faz parte: “*Aujourd’hui, je suis quelque part dans ma vie. J’appartiens à la race des aînés. Je veux être poète de tradition orale, parler comme les Anciens, les vrais nomades.*”<sup>1</sup> (BACON, 2018, p.5). Todos os seus livros de poemas são bilíngues, em francês e innu-aimum, sua língua materna.

Joséphine foi separada de sua família ainda criança e cresceu em um internato católico, pois a política indigenista do Canadá consistiu, entre outros atos, na criação de reservas indígenas com fronteiras bem delimitadas e também na criação de internatos para a educação das crianças indígenas. Segundo a antropóloga Livia Vitenti, a lei *Indian act* obrigava as famílias a entregar as crianças aos cuidados do governo e da igreja. “No começo, as escolas residenciais estavam situadas perto das reservas, mas em 1900 o *Indian*

---

<sup>1</sup> Hoje, estou em algum lugar da minha vida. Eu pertencço à raça dos mais velhos. Quero ser poeta da tradição oral, falar como os Anciões, os verdadeiros nômades. (Tradução nossa).

Act foi modificado a fim de autorizar a retirada forçada das crianças de 5 a 16 anos” (VITENTI, 2017). Vitenti explica ainda que essa lei trouxe profundas marcas na continuidade das culturas indígenas, pois, as crianças, além de separadas do seu ambiente sócio-cultural, eram proibidas de se comunicar em seus idiomas maternos.

Além disso, os internados indígenas não tinham o direito de falar suas línguas; irmãos e primos enviados ao mesmo internato não podiam manter contato entre si; e todos os jovens indígenas eram obrigados a ir às escolas residenciais, sendo assim afastados de seus pais, de sua parentela e de sua sociedade. (VITENTI, 2017, p.182)

Após sair do internato, Joséphine Bacon teve uma vida dividida entre a cidade de Montréal e as reservas indígenas, entre falar francês e se reapropriar de sua língua materna. Trabalhou como assistente em pesquisas antropológicas, servindo de intérprete entre os pesquisadores francófonos e os innu, como explica em sua entrevista concedida para a Radio Canada (ENTREVUE, 2019). Nessa entrevista, ela conta que foi justamente nesse trabalho, de ouvir e traduzir os antigos contando as narrativas de seu povo, que surgiu a vontade de transmitir a percepção de mundo dos innu. Ela escreve então seu primeiro livro de poemas com uma linguagem próxima à linguagem das narrativas orais que ouvia dos anciões.

A vida e a obra da poeta foi recentemente adaptada para as telas, em um documentário chamado *Je m'appelle humain*, da produtora também indígena Kim O'Bomsawi. O filme recebeu prêmio de melhor documentário no Festival Internacional de Cinema Vancouver e no Festival Internacional de Cinema de Calgary, ambos em outubro de 2019 (LE FILM, 2020).

Em seu último livro, *Uiesh - quelque part*, uma temática recorrente é a percepção da chegada da velhice, e como essa condição a aproxima de seus antepassados. Seus poemas, em francês, são relativamente curtos, de 5 a 15 versos, métrica livre, versos brancos, sem pontuação e sem título. A voz feminina nos poemas sente o passar do tempo, a chegada das rugas, o peso da idade, e se compara aos antigos, que são, ao mesmo tempo, a sua origem e a sua inspiração. A velhice, entretanto, não é tema de lamentação. Ao contrário,

é motivo de honra, pois a sabedoria acompanha as rugas. O poema seguinte, por exemplo, descreve com muita delicadeza o ritmo da vida que vai desacelerando, até chegar ao momento em que a correria para, e honra-se o “coração lento”:

Une vie fatiguée  
L’espoir en attente  
Je caresse une ride  
Pour une autre année  
Ma course s’arrête  
Et honore le cœur lent (BACON, 2018, p.68)<sup>2</sup>

É importante considerar que um dos temas recorrentes na obra de Bacon, o passar do tempo e o processo de envelhecimento que a aproxima de seus ancestrais, é abordado, em seus poemas, a partir de um ponto de vista não somente indígena, mas também feminino. O corpo que envelhece é um corpo de mulher. As rugas aparecem em uma face de mulher. Uma mulher marcada pelo trabalho, pelas gestações de seus filhos, pelo convívio com os antigos e também com os jovens. Uma mulher de costas curvadas e pernas arqueadas, mas que ainda mostra sua força, que ainda está “em marcha”:

Je n’ai pas la démarche féline  
J’ai le dos des femmes ancêtres  
Les jambes arquées  
De celles qui ont portagé  
De celles qui accouchent  
En marchant (BACON, 2018, p.6)<sup>3</sup>

Não é por acaso que o poema acima é o que abre o livro *Uiesh - Quelque part*, e também é o poema declamado no *trailer* oficial do documentário biográfico *Je m’appelle humain*. É uma declaração de respeito e admiração às suas ancestrais. Joséphine não deu à luz em marcha, pois, quando teve seus filhos, seu povo, nômade, já estava confinado em reservas. Mas a autora se identifica profundamente com as mulheres que vieram antes dela.

---

<sup>2</sup> Uma vida cansada / A esperança em pausa / Acaricio uma ruga / Por mais um ano / Minha corrida para / E honra o coração lento (Tradução nossa).

<sup>3</sup> Não marcho como os felinos / Tenho as costas das anciãs / As pernas arqueadas / Daquelas que muito carregaram / Daquelas que dão à luz / Em marcha (Tradução nossa).

Lembramos que Maria Lugones (2014) fala sobre a importância do processo de “resistir no *locus* fraturado da diferença colonial”. Segundo Lugones, a diferença colonial entre colonizadores e colonizados se acentua quando a colonizada é mulher. Neste poema, fica explícita uma das mudanças que a colonização trouxe para os *innu*: o fim de um modo de vida nômade. Ainda assim, a voz poética resiste nesse “locus fraturado”, afirmando uma semelhança com aquelas mulheres que, antes da colonização, tinham seus filhos em marcha.

Em seus poemas, Bacon também explora as relações entre os elementos naturais e o seu povo. Há frequentemente menções a animais, plantas, rios, rochas. Como no poema seguinte, o segundo do livro *Uiesh - Quelque part*:

Je vis la grandeur du vent  
Je sens sa beauté  
Le vent me prend dans ses bras

Il souffle un air mélodieux  
Que j’aimerais écrire (BACON, 2018, p.8)<sup>4</sup>

287

O vento é grande, belo, melodioso e envolvente. É uma força da natureza que arrebatava a voz poética a tal ponto que ela se sente impulsionada a escrever sobre ele. Nota-se que ela usa o termo “amaria” no futuro do pretérito, indicando um desejo, um sonho ainda não realizado. O que nos leva a pensar que o que foi descrito anteriormente não é suficiente, não faz jus ao que ainda pode ser escrito sobre o vento. Ou então, é simplesmente uma constatação da impossibilidade de colocar em palavras o que só pode ser sentido ou ouvido (o ar melodioso do vento).

No primeiro verso, “Vivo a grandeza do vento”, pode estar implícito também o tema do nomadismo, frequentemente abordado pela autora. O vento é algo mutante, inconstante e forte, como os povos nômades; e a voz poética se identifica e vive essa grandeza. Ainda que não haja mais indígenas nômades

---

<sup>4</sup> Eu vivo a grandeza do vento / Eu sinto sua beleza / O vento me envolve em seus braços // Ele sopra um ar melodioso / Que eu amaria escrever (Tradução nossa)

no Canadá, desde a criação de reservas; persistem a força, a beleza e a grandeza de um povo, que é como o vento.

### Porque ler e traduzir a obra de Joséphine Bacon no Brasil?

Ler a obra de Joséphine Bacon é compreender um pouco sobre a produção literária indígena nas Américas. Segundo o pesquisador Maurizio Gatti, especialista em literatura do Québec; no Canadá, como ocorre em outros países americanos, o desenvolvimento de um corpus literário indígena ocorre somente a partir dos anos 1970, pois o registro escrito nessas culturas é relativamente recente. Gatti explica:

*Les Amérindiens ont connu l'écriture dès l'arrivée des Européens et surtout des missionnaires, mais le développement d'un corpus littéraire date seulement des années soixante-dix. Les auteurs écrivent aujourd'hui de plus en plus et leur production est constituée de divers types de textes : contes, nouvelles, légendes, poésies, romans, pièces de théâtre, récits autobiographiques, témoignages et essais. La littérature amérindienne au Québec demeure pourtant une littérature jeune, produit d'une tradition orale et d'auteurs métissés biologiquement et culturellement, qui se sont approprié l'écriture non sans difficulté: la maîtrise du français écrit reste en effet la condition de base nécessaire pour assurer la qualité et l'essor des œuvres. (GATTI, 2004, p.21)<sup>5</sup>*

288

É interessante observar que Gatti salienta a importância da diversificação da literatura de origem indígena. A literatura indígena é muito mais que o registro escrito das histórias orais e lendas, os autores indígenas escrevem contos, romances, poemas, peças de teatro, ensaios e relatos autobiográficos.

Maurizio Gatti foi o primeiro pesquisador a fazer um registro geral da literatura ameríndia na província do Quebec, região francófona do Canadá que comporta várias nações indígenas. Em seus registros, Gatti começa por

---

<sup>5</sup> Os ameríndios conheceram a escrita a partir da chegada dos europeus e, principalmente, dos missionários, mas o desenvolvimento de um corpus literário data somente dos anos setenta. Os autores escrevem hoje cada vez mais, e a produção constitui-se de diversos tipos de texto: contos, romances, lendas, poesias, peças de teatro, relatos autobiográficos, testemunhos e ensaios. A literatura ameríndia do Quebec é, entretanto, uma literatura jovem, produzida a partir de uma tradição oral e de autores mestiços, biologicamente e culturalmente, que se apropriaram da escrita, apesar das dificuldades: o domínio do francês escrito é efetivamente a condição básica necessária para assegurar a qualidade e a expansão das obras. (Tradução nossa)

identificar as características gerais da literatura indígena nas Américas (como descrito acima), para depois debruçar-se nas particularidades da literatura indígena francófona do Quebec. Esse estudo é essencial para compreendermos melhor as condições de produção da autora Joséphine Bacon.

Ao definir o perfil dos autores, Gatti apresenta uma visão bem ampla, com a qual concordamos. Os autores indígenas podem ser mestiços, podem se expressar na língua indígena ou na língua de colonização (neste caso, o francês). A pluralidade de vivências é uma marca dessa literatura. Gatti diz:

*J'ai considéré comme un auteur amérindien francophone, un auteur parlant et écrivant le français, mais dont l'expérience ne se limite pas uniquement à cela. Francophone désigne donc pas nécessairement un auteur de langue maternelle française ou qui s'identifie à cette langue, mais un auteur qui s'exprime aussi dans cette langue. Les auteurs amérindiens francophones ne se limitent pas en effet au français, mais ceux qui le peuvent entretiennent et développent la pratique orale et écrite de leur langue amérindienne maternelle. (GATTI, 2004, p.20)<sup>6</sup>*

289

A produção literária escrita indígena no Quebec, como já vimos, toma força nos anos 1970. Segundo Gatti, nessa época, houve um primeiro movimento literário mais preocupado em transmitir a cultura de cada povo e denunciar as mazelas da colonização. Era uma literatura com importantes aspectos sociológicos, antropológicos e políticos. Assim :

*Au début des années soixante-dix, les récits de vie et les essais historiques ont prédominé, parce qu'il fallait d'abord, de toute urgence, exprimer son identité et ses revendications. Les Amérindiens se sentaient pressés de préserver et de transmettre leurs traditions et leurs connaissances. Leur production a donc pris la forme du souvenir, du ressentiment, de la nostalgie, de la douleur de la victime, du mal d'être, de la contestation et de l'idéalisation des Amérindiens; elle a donné beaucoup d'importance à la dimension politique. (GATTI, 2004, p.22)<sup>7</sup>*

---

<sup>6</sup> Eu considereei como um autor ameríndio francófono um autor que fala e escreve em francês, mas cuja experiência não se limita a isso. 'Francófono' designa então, não necessariamente um autor de língua materna francesa ou que se identifica com essa língua, mas um autor que se expressa também nessa língua. Os autores ameríndios francófonos não se limitam ao francês, mas, os que podem, mantêm e desenvolvem a prática oral e escrita de sua língua ameríndia materna. (Tradução nossa)

<sup>7</sup> No início dos anos setenta, os relatos de vida e os relatos históricos predominaram, pois era necessário, primeiramente, com muita urgência, expressar sua identidade e suas reivindicações. Os ameríndios tinham pressa em preservar e transmitir suas tradições e seus conhecimentos. Então, a sua produção tomou forma de lembranças, de ressentimento, de

Dessa primeira fase literária, podemos citar a obra *Je suis une maudite sauvagesse* (Sou uma maldita selvagem) de An Antake Kapesch, escrita em 1975, obra que foi referência para a poeta Joséphine Bacon. Em entrevista a um canal canadense, Bacon diz que para compreender o povo innu e os povos indígenas do Quebec é imprescindível ler o livro de Kapesch. A pesquisadora Rita Olivieri-Godet reforça também essa importância de Kapesch para as gerações seguintes de escritores e escritoras:

É igualmente importante salientar a repercussão das obras pioneiras de An Antane Kapesch, no Quebec, e de Eliane Potiguara, no Brasil, na organização política do movimento indígena - especialmente do movimento das mulheres ameríndias - e sua contribuição para a emancipação delas. Essas duas mulheres inauguram as vozes/vias da decolonização. (OLIVIERI-GODET, 2020, p.13)

Debruçamo-nos então sobre a obra de Kapesch, retraduzida e reeditada em 2019 pela mesma editora responsável pelas publicações de Bacon: *Mémoire d'encrier*. “Sou uma maldita selvagem” é composto por uma série de nove ensaios nos quais a autora mistura relatos de sua vida pessoal e reflexões sobre as culturas indígenas e o processo de colonização. Os ensaios são intitulados: “A chegada do branco em nossa terra”, “A descoberta de minério no norte”, “A educação dos brancos”, “A caça”, “O comércio de álcool”, “A polícia e os tribunais”, “Os jornalistas e os cineastas”, “As casas dos brancos”, e “Como os brancos nos considerarão no futuro?” (KAPESH, 2019).

É uma leitura dura, pois deparamo-nos com uma vida marcada por sofrimento e revolta. O capítulo “A polícia e os tribunais” é particularmente devastador. Kapesch inicia com uma reflexão sobre como os brancos trouxeram essas instituições com o argumento de “civilizar” os indígenas, porém o que se viu foram ações policiais bárbaras, com a proteção da lei dos brancos. “*Avant que les policiers n’arrivent ici dans notre territoire, nous avons déjà la civilisation de nous aussi. Ce n’est pas la police que nous a civilisés, ce n’est*

---

nostalgia, da dor da vítima, do mal-estar, da contestação e da idealização dos ameríndios; a dimensão política tinha muita importância. (Tradução nossa)

*pas la prison et les tribunaux non plus*<sup>8</sup> (KAPESH, 2019). Neste ensaio há um longo e doloroso relato de quando seu filho foi preso por uma briga no bar, e dos maus-tratos e torturas que sofreu na prisão. Kapesh, parcialmente letrada e não escolarizada, escreve os ensaios quase como se registrasse em um diário pessoal suas experiências e reflexões.

Essa primeira geração de autores, da qual Kapesh é uma das principais referências, exerceu grande influência nas gerações seguintes. Porém, como explica Gatti, com o passar do tempo e o crescente número de autores, as produções se diversificaram e começaram a levar em consideração também o valor estético dos textos. Segundo o pesquisador: "*Aujourd'hui, de nombreux contes et poèmes viennent témoigner d'une évolution de la littérature amérindienne au Québec. Née de la révolte, elle a tendance à devenir de plus en plus créative et soucieuse d'esthétique*"<sup>9</sup> (GATTI, 2004, p.22).

Assim, hoje, a literatura indígena francófona do Quebec traz elementos das culturas indígenas, mas, principalmente, aborda, segundo Gatti, a "angústia do indivíduo no mundo moderno"; esse indivíduo dividido entre o local e o global, a tradição e a modernidade. Concordamos com Gatti que essa mudança de tema e de estilo não faz com que a literatura indígena seja menos autêntica, mas que a contemporaneidade traz uma nova forma de autenticidade.

La littérature amérindienne permet d'entrer en contact avec l'imaginaire amérindien non plus seulement d'un point de vue anthropologique et folklorique, mais aussi d'un point de vue esthétique, à partir de l'analyse et de l'interprétation des textes. Être un auteur amérindien aujourd'hui, signifie d'abord affronter l'angoisse de l'individu dans le monde moderne, seul face à sa collectivité immédiate et à la collectivité mondiale [...] Ils sont l'exemple même que l'authenticité ne loge pas uniquement dans le passé et les traditions d'avant l'arrivée des Européens, mais plutôt

---

<sup>8</sup> Antes da chegada dos policiais aqui, em nosso território, nós também já tínhamos uma civilização nossa. Não foi a polícia que nos civilizou, tampouco a prisão e os tribunais. (Tradução nossa)

<sup>9</sup> Hoje, numerosos contos e poemas são o testemunho de uma evolução da literatura ameríndia no Quebec. Nascida da revolta, ela tem a tendência de se tornar cada vez mais criativa e preocupada com a estética. (Tradução nossa)

que la littérature écrite contemporaine permet une nouvelle forme d'authenticité.<sup>10</sup> (GATTI, 2004, p.25 e 26)

Podemos situar Joséphine Bacon nesse segundo momento literário, onde os autores exprimem essa angústia de querer buscar suas tradições e sua história ao mesmo tempo em que vivem neste nosso mundo contemporâneo. Esse sentimento de dualidade aparece nos poemas de Bacon principalmente com um contraponto entre a cidade e o território indígena, como podemos observar no poema seguinte:

Rue Bélanger  
J'attends l'autobus  
Je regarde le bout de la rue  
Sans horizon

Je ferme les yeux  
Je vois les aînés de la Rivière de l'Ocre  
Assis face à la mer  
Eux seuls voient  
Ce qu'ils regardent (BACON, 2018, p.66)<sup>11</sup>

292

Neste poema, a dualidade contemporânea está bem demarcada em duas estrofes: a primeira estrofe faz referência ao urbano, ao atual, ao real; já a segunda estrofe está relacionada à natureza, ao sonho e ao passado. Tudo aqui ocorre no tempo de espera do ônibus. O poema inicia com uma referência geográfica: Rue Bélanger. Nos dois versos seguintes, a voz lírica narra suas ações nesse lugar: esperando o ônibus e olhando a rua. Ela olha a rua, mas não vê o horizonte. Subtende-se aqui a falta do horizonte, um elemento importante para a voz que narra, que pode ser explicada pelo excesso de prédios e construções. A solução encontrada é fechar os olhos e ver (sonhar/imaginar) os

---

<sup>10</sup> A literatura ameríndia permite entrar em contato com o imaginário ameríndio não somente e um ponto de vista antropológico e folclórico, mas também de um ponto de vista estético, a partir da análise e da interpretação de textos. Ser um autor ameríndio hoje significa, primeiramente, enfrentar a angústia do indivíduo no mundo moderno, sozinho, face a sua coletividade imediata e à coletividade mundial [...] Eles são o próprio exemplo de que a autenticidade não está unicamente no passado e nas tradições anteriores à chegada dos europeus, mas que, sobretudo, a literatura escrita contemporânea permite uma nova forma de autenticidade. (Tradução nossa)

<sup>11</sup> Rua Bélanger / Espero o ônibus / Olho para o fim da rua / Sem horizonte // Fecho os olhos / Vejo os anciões do Rio Ocre / Sentados face ao mar / Somente eles veem / O que eles olham (Tradução nossa)

anciões sentados frente ao mar olhando o horizonte. Ainda assim, a narradora não vê o horizonte, ela vê os anciões de seu povo e “Somente eles vêem / O que olham”.

Rita Olivieri-Godet, em seu livro *Vozes de mulheres ameríndias nas literaturas brasileira e quebequense*, defende o estudo e a divulgação das obras de autores indígenas lusófonos e francófonos nas Américas, pois há pouco acesso a estes autores, ao contrário dos anglófonos. Ela explica:

Se a produção em língua inglesa encontrou seu lugar no sistema literário estadunidense e canadense inglês, inclusive no que diz respeito à crítica literária e ao reconhecimento do meio acadêmico, as literaturas ameríndias francófona e lusófona estão longe de ter o mesmo reconhecimento. (Olivieri-Godet, 2020, p.7)

Já a autora Marie-Helène C. Torres, no primeiro capítulo do livro “A tradução de obras francesas no Brasil”, apresenta um panorama do que tem sido traduzido em língua francesa em nosso país. Ela mostra que atualmente 10% do total das traduções literárias são provenientes do francês, e que a maior parte dessas traduções são de romances policiais, histórias em quadrinhos (Tintin, Astérix), obras de Júlio Verne adaptadas ao público jovem, e outras obras de massa, como *O pequeno Príncipe* de Saint-Exupéry. Adiciona, ainda, que muitos autores clássicos franceses ainda não possuem textos traduzidos em português, assim, a percepção que se têm no Brasil de literatura francesa é muito restrita. (TORRES, 2011, p.24-25)

Torres sequer menciona a tradução de poesia francófona produzida na França ou em outros países, o que, supomos, deve representar um número ínfimo no total de traduções. Nesse “vazio” poético encontra-se também uma justificativa de traduzir e se fazer conhecer no Brasil a poesia de Joséphine Bacon, como uma representante da literatura francófona contemporânea.

O livro de poemas *Uiesh - Quelque Part* de Joséphine Bacon é um importante marco recente da literatura francófona. Recebeu em 2019 o prêmio literário Prix des libraires de Quebec, na categoria poesia, justamente no ano em que a Unesco declara ser o ano internacional das línguas indígenas (UNESCO, 2018). Também em 2019 recebeu o prêmio canadense *Indigenous Voices Award*

como melhor obra literária do ano produzida por autor indígena. Nos poemas dessa obra estão explícitas, ainda mais do que nas obras anteriores, as questões ancestralidade e pertencimento à terra em contraponto com as experiências de ocupação dos espaços (físicos ou não) ocidentais, urbanos, contemporâneos. De acordo com Olivieri-Godet:

Isso é o que observamos na obra mais recente, *Uiesh. Quelque part* (2018) de Joséphine Bacon, em que o sujeito poético carrega em si, no espaço da cidade, a memória de sua herança ancestral. O movimento de reapropriação de memória baseia-se em símbolos antagônicos entre os espaços da cidade e o território tradicional indígena (“Quando estou na cidade / Não escuto mais o rio”, p. 110), mas o sujeito poético encontra em sua memória ancestral a força para viver: “Não posso deixar de voltar / Aos ruídos de que gosto / A palavra dos anciões / As vibrações da terra” (Bacon, 2018, p.20). (Olivieri-Godet, 2020, p.131)

O poema citado por Olivieri-Godet narra um momento de estado contemplativo no Parque Molson, em pleno coração da cidade de Montreal. Ao mesmo tempo em que há árvores e brisa, há, ao longe, ruídos de carros de bombeiros e ambulância que não nos deixam esquecer que, mesmo em contato com uma paisagem natural, estamos localizados dentro de um centro urbano. A voz poética descreve esse momento de contemplação quando algo a faz lembrar dos ruídos ligados ao seu sentimento de pertencimento a uma comunidade indígena. Eis o poema:

Parc Molson  
Une brise caresse les arbres  
Au loin bruits de pompiers  
On entend l’ambulance  
  
Je ne peux m’empêcher de retourner  
Aux bruits que j’aime  
La parole des aînés  
Les vibrations de la terre (BACON, 2018, p.20)<sup>12</sup>

## Conclusão

---

<sup>12</sup> Parque Molson / Uma brisa acaricia as árvores / Ao longe ruído de bombeiros / Ouço uma ambulância // Não posso deixar de retornar / Aos ruídos que amo / A palavra dos anciões / As vibrações da terra. (Tradução nossa).

Voltamos, então, à questão: por que ler e traduzir a obra de Joséphine Bacon no Brasil? Traduzir para que novos leitores possam ler os poemas de Bacon e que possam experimentar o “mistério e o milagre” da sua poesia. Raimundo Carvalho explica que poesia é mistério e milagre e que pode provocar no leitor experiências únicas:

Mistério e milagre porque, ainda que obedeça a uma rigorosa lógica da linguagem mais chã, o poema apresenta camadas de linguagem que subvertem o sentido usual das palavras e a lógica mais corriqueira. Um poema verdadeiramente forte tira o leitor do chão e o transporta para além ou para o aquém da linguagem, para uma espécie de zona de silêncios e ruídos indistintos. (CARVALHO, 2014, p.34)

Além disso, Carvalho lembra que o poema solicita sua tradução para que a poesia possa se materializar em outras línguas, em outros suportes:

E qual é a destinação do poema? Na qualidade de signo e de avatar da poesia, o poema solicita a sua tradução, já que a poesia é uma realidade infra e supralinguística. O poema se dá na língua, mas a substância imaterial que dele se desprende anseia por se materializar em outros suportes, em outras línguas. (CARVALHO, 2014, p.35)

O texto de Joséphine Bacon traz temas que podem ser considerados universais; como a passagem do tempo, o envelhecimento do corpo, o amadurecimento da mente e do espírito, a sabedoria, a tranquilidade e a compreensão de mundo que pode vir com a idade, a força da mulher. O modo como esses temas são abordados pela autora pode trazer aos leitores e, principalmente, às leitoras, uma identificação e reflexão sobre a própria condição.

Ler Joséphine Bacon é conhecer uma parte da história dos povos indígenas americanos, e mais ainda, é colocar-se no lugar desses povos, pois a poesia nos transporta em imagens e sentimentos a esses contextos vividos por eles. Ler Joséphine Bacon também é valorizar os idosos e seu conhecimento de mundo, não importando sua etnia. Ler Joséphine Bacon é, além disso, se colocar sob um ponto de vista feminino, do corpo feminino, do papel social feminino em diferentes sociedades. Ler Joséphine Bacon é, finalmente, ler poesia contemporânea que reflete questões extremamente concernentes aos

nossos dias: a busca de pertencimento entre culturas, entre espaços, entre gerações.

## REFERÊNCIAS

BACON, Joséphine. *Uiesh - Quelque part*. Montreal : Mémoire d'encrier, 2018.

CARVALHO, Raimundo. Um Ramo de Ouro para Virgílio, in: *Todos os poemas o poema*. Alexandre Curtiss, Raimundo Carvalho, Wilberth Salgueiro, organizadores. - Vitória : EDUFES, 2014

ENTREVUE Joséphine Bacon: *La poésie et les rêves*. Entrevistadores: Serge Bouchard e Jean-Phillippe Pleau. Entrevistada : Joséphine Bacon. Radio Canada, 14 out. 2019. Podcast. Disponível em: <https://ici.radio-canada.ca/premiere/emissions/c-est-fou/segments/entrevue/138035/josephine-bacon-reves-poesie-innue> Acesso em: 02 mar. 2020.

GATTI, Maurizio. *Littérature amérindienne du Québec*. Écrits de langue française. Montreal : Éditions Hurtubise, 2004.

JE m'appelle humain. *Filme*. Direção de Kim O'Bonsawin. Montréal: Maison 4/3, 2019.

KAPESH, An Antake. *Je suis une maudite sauvagesse*. Montreal : Mémoire d'encrier, 2019.

LE FILM sur Joséphine Bacon : Je m'appelle humain, récompensé de plusieurs prix. *Reportagem*. Radio Canada, Québec, 8 out. 2020. Disponível em: <https://ici.radio-canada.ca/nouvelle/1739682/film-je-m-appelle-humain-josephine-bacon-prix#:~:text=Le%20VIFF%2C%20qui%20s'est,qui%20s'est%20cl%C3%B4tur%C3%A9%20dimanche> Acesso em: 2 nov. 2020.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. *Revista Estudos Feministas* [online]. 2014, v. 22, n. 3. p. 935-952.

MÉMOIRE d'encrier : Catalogue : Joséphine Bacon. *Site da editora Mémoire d'Encrier*. Quebec, 2020. Disponível em: <http://memoiredencrier.com/josephine-bacon/> Acesso em: 02 mar. 2020.

OLIVIERI-GODET, Rita. *Vozes de mulheres ameríndias na literatura brasileira e quebequense*. Rio de Janeiro: Makunaima, 2020.

TORRES, M.H.C. As traduções e seu funcionamento nas culturas. In: FALEIROS, A.; MOUZAT, A.; ZAVAGLIA, A. (Org.). *A tradução de obras francesas no Brasil*. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2011. p. 17-27.

UNESCO. 2019: International Year of Indigenous Languages. *Site informativo da Unesco/ONU*. 2018. Disponível em: <https://en.iyil2019.org/> Acesso em: 02 mar. 2020.

VITENTI, Livia Dias Pinto. Legislação indigenista canadense e poder tutelar: o caso atikamekw in: *Anuário Antropológico*. Brasília: UnB, 2017, v. 42, n. 1, p.171-193.